

ENTREVISTA

Maria da Graça Campos

Combinar o “natural” com medicamentos pode ser perigoso

Para combater o equívoco que os produtos naturais “não fazem mal”, criou-se o Observatório de Interações Plantas-Medicamentos, na Faculdade de Farmácia de Coimbra, que é pioneiro a nível mundial. Falámos com Maria da Graça Campos, coordenadora do projecto.



«As pessoas hoje têm noção de que não se mistura medicação com álcool, mas não existe informação para os produtos naturais que começamos a tomar e a misturar com os medicamentos nas últimas duas décadas»

FARMÁCIA DISTRIBUIÇÃO - Como nasceu esta ideia inovadora? Era uma necessidade?

Maria da Graça Campos – A necessidade nasceu do facto de nós termos verificado que nos iam chegando aos hospitais pedidos no sentido de podermos colaborar no esclarecimento de algumas interações entre as plantas e os medicamentos. Assim, verificámos que a oncologia é efectivamente o *target* em que ocorrem as situações mais problemáticas, porque as pessoas tomam tudo o que lhes derem. Desenhámos um projecto de investigação para estudar essas interações entre plantas e os medicamentos no IPO de Coimbra. Entretanto, nesse decorrer verificámos que era muito importante levar este conhecimento às pessoas e fazer um levantamento que clarificasse sobre aquilo que existe em Portugal. Foi nesse sentido que nasceu o Observatório porque só assim se pode estudar a problemática. O Observatório durará o tempo que for necessário para nós fazermos a sua validação. Concorremos também ao projecto

COMPETE Media para poder capacitar as pessoas de informação sobre estas acções, porque o facto de centrarmos este tipo de projectos somente nos profissionais de saúde não tem muito sentido.

- São as pessoas, os utentes que, por sua conta e risco, fazem estas “misturas” potencialmente explosivas.

- Exactamente. As pessoas hoje têm noção de que não se mistura medicação com álcool, mas não existe informação para os produtos naturais que começamos a tomar e a misturar com os medicamentos nas últimas duas décadas. As populações têm de saber os riscos que correm, qual as situações em que podem fazer perigar a sua saúde, de que forma podem evitar situações mais melindrosas.

- Banalizou-se a ideia de que tudo o que é natural, à base de plantas, é inofensivo.

- Perigosamente. É fundamental recordar às pessoas que a maioria das substâncias activas dos fármacos provém das plantas e que a sua mistura com produtos naturais, por auto-recriação, pode ser grave e até fatal. Por isso, as pessoas têm de voltar a ser dotadas de conhecimento relativamente às plantas, uma vez que ao longo dos anos fomos perdendo esses conhecimentos. Agora, temos um tipo de conhecimento novo: a mistura dos medicamentos com os extractos de plantas. Nesse campo estamos efectivamente a começar uma área de investigação nova, que foi fruto dos acidentes que chegam aos hospitais e que vamos entretanto fazendo a validação clínica e científica destas interações.

ENTREVISTA



O Observatório de Interações Plantas-Medicamentos não tem estrutura semelhante a nível mundial

- Ou seja, este Observatório é pioneiro a nível nacional e internacional?

- Nos moldes do nosso, estamos certos que não existe mais nenhum. Este projecto nasceu de um desafio, que partiu das pessoas que agora cá trabalham, que ocorreu no congresso de toxicologia, onde explicámos aquilo que estava a ser feito em Portugal e lançámos o desafio aos outros países, de modo a gerirmos recursos e a optimizarmos a partilha de informação. O objectivo é construir um registo nacional de todas as reacções adversas que resultem da interacção entre medicamentos e produtos naturais e informar a população dos riscos. Só temos conhecimento dos acidentes mais graves que são descritos em algumas publicações científicas, mas é necessário fazer mais estudos nesta área face ao aumento do consumo de produtos naturais, entre eles suplementos e dietéticos.

- Torna-se necessária uma campanha massiva de informação. Já pensaram a melhor forma de chegar às pessoas?

- Estamos a fazer *flyers* que serão exibidos em estabelecimentos ligados à Saúde, como farmácias, hospitais, centros de saúde, etc. Por exemplo, importa referir que é preciso ter muito cuidado com os medicamentos para emagrecer, pois uma pessoa obesa tem normalmente doença associada (diabetes, doença cardíaca, etc.), ou seja, andam polimedicados. A maioria dos produtos naturais para emagrecer interfere com os medicamentos. Esse é um *target* terrível porque a maioria tem doença associada...

- Até porque há cada vez mais obesos e pré-obesos...

- Obviamente. É preciso ter muita responsabilidade em tudo o que fazemos. Embora os

colegas e os profissionais de saúde possam alertar, não chega. Se nós conseguirmos explicar às pessoas que nós vamos à natureza buscar a maioria dos medicamentos e que tipo de substâncias estão presentes nos fármacos provém da mesma fonte, é mais fácil de evitar situações, misturas, de elevado risco.

- O objectivo deste projecto é construir um registo nacional de todas as reacções adversas que resultem da interacção entre medicamentos e produtos naturais e informar a população dos riscos?

- Só temos conhecimento dos acidentes mais graves que são descritos em algumas publicações científicas, mas urge alertar para a necessidade de mais estudos nesta área face ao aumento do consumo de produtos naturais, entre eles suplementos e dietéticos, muito em voga nos dias que correm.

- Apesar de não haver dados nacionais sobre os acidentes provocados por interacção, já referiu que 20% das idas às urgências dos hospitais poderão estar ligadas a este problema. Confirma?

- De facto, não há dados nacionais. Dentro de um ano teremos uma percepção muito melhor do número de acidentes. Quando houver mais informação, acreditamos que vamos ter menos pessoas nos hospitais e reduzir não só os acidentes como os custos para o Serviço Nacional de Saúde.

- Os doentes com cancro devem abster-se de tomar produtos naturais?

- Para estes doentes, que estão a fazer quimioterapia, a toma de produtos naturais, quando não acompanhada pelos médicos, pode dar origem a situações graves. Um dos casos descritos na literatura relaciona a toma de chá de hipericão - também conhecido como erva de São João e associado ao tratamento de depressões - com a inibição do metabolismo dos doentes, o que faz com que no caso dos medicamentos antineoplásicos, que têm de ser metabolizados para ter efeito, o tratamento fique comprometido. É perigoso, sim.

- De qualquer forma, e isto está estudado, não acha que seria mais efectivo levar estas campanhas para as escolas e prevenir, junto de crianças de tenra idade, este tipo de situações através de sensibilização no "berço"?

- De facto, é verdade. Esta foi a única parte do projecto que não foi contemplada, que foi

cortada. Apesar de tudo, nós já vamos fazendo este tipo de sensibilização junto das escolas, sempre que nos convidam para fazer palestras. Era nosso objectivo, através das chamadas missões, promover este e outro tipo de campanhas no máximo de locais possíveis de norte a sul do país mas, infelizmente, foi a única parte que nos cortaram no projecto.

- Este corte é prejudicial...

- Tínhamos inclusivamente pensado colocar previamente ecrãs de vídeo nos locais onde nos deslocássemos e depois, quando lá chegássemos, daríamos mais informação. Tudo permaneceu de pé, tal como foi projectado, mas as campanhas não. Contudo, este corte não significa que haja um abandono total da ideia. O Ministério da Saúde pode voltar a pegar no assunto e difundir a informação tal como estava projectada porque, ao fim e ao cabo, vai trazer mais saúde, mas também reduz custos, salvaguarda o dinheiro que é gasto nos acidentes que todos os dias chegam aos hospitais. Isto através da salvaguarda do dinheiro que se consome em urgências hospitalares, quando as pessoas chegam aos hospitais com patologias acrescidas pelos acidentes que ocorrem.

- Qual ao papel do farmacêutico na resolução do problema?

- Os farmacêuticos são fundamentais. Sem o seu envolvimento, não faz sentido fazer campanhas. Estamos implementados na Faculdade de



«Queremos, em primeiro lugar, sensibilizar a população para o problema. O segundo objectivo, que é quase concomitante com este, é o máximo de recolha de dados sobre as situações que existem em Portugal»



Farmácia de Coimbra. Não foi por acaso que nos sediámos aqui. Temos uma boa relação com os alunos que saem para o mercado de trabalho. É, muitas das vezes, daquilo que eles vão necessitando no terreno que nós vamos aferindo conteúdos das matérias que leccionamos. Essa relação é extremamente importante. É fundamental para o sucesso da ideia.

- Há algum tipo de controlo sobre as lojas de produtos naturais, que vendem produtos que não sendo ilegais podem prejudicar a saúde?

- Não são ilegais, mas que não são alvo de monitorização pelo INFARMED porque não são considerados medicamentos. É nesse ponto que reside o perigo, uma vez que se vendem substâncias que podem representar um verdadeiro perigo para quem as toma. Não se trata de controlar a qualidade dos produtos naturais, mas assegurar que a informação chega à população. Por exemplo, algumas pessoas ainda pensam que tomar extracto de alho é o mesmo que estar a comer o alimento. O alho usado como anticoagulante oral é uma terapêutica que pode provocar situações muito graves se tomada em conjunto com medicação.

- Foram financiados com 150 mil euros. Esta verba é suficiente para o pretendido?

- Para este projecto dos próximos dois anos, para as campanhas, é suficiente. As missões, que iriam tornar o projecto mais próximo das pessoas, ficaram sem financiamento. De qualquer forma, estamos a contar com a colaboração das pessoas, que nos podem contactar através do site. No mesmo âmbito, estamos a negociar a implementação de uma linha verde, aliás, seria uma linha diferenciada: uma para o público e outra para os profissionais de saúde. É objectivo ter um contacto mais próximo dos utentes, uma vez que perdemos a possibilidade de contactar directamente com o público. Por outro lado, temos alguns projectos de investigação, que estão a ser feitos de uma maneira muito cirúrgica, para que efectivamente não haja muito ruído na informação.

- Quais os vossos próximos objectivos a médio e longo prazo?

- Queremos, em primeiro lugar, sensibilizar a população para o problema. O segundo objectivo, que é quase concomitante com este, é o máximo de recolha de dados sobre as situações que existem em Portugal. Seguidamente passamos a seguir as mesmas situações de forma científica. 🌱



ENTREVISTA

MARIA DA GRAÇA CAMPOS

Combinar o "natural" com medicamentos pode ser perigoso

Para combater o equívoco que os produtos naturais "não fazem mal", criou-se o Observatório de Interações Plantas-Medicamentos, na Faculdade de Farmácia de Coimbra, que é pioneiro a nível mundial. Falámos com Maria da Graça Campos, coordenadora do projecto.





Entrevista Maria da Graça Campos
Combinar o “natural”
com medicamentos
pode ser perigoso